

RELAÇÃO GÊNERO E SOBRECARGA DE TRABALHO NO DISCURSO DE ENFERMEIRAS: INFLUÊNCIAS NO/DO ENFRENTAMENTO À COVID-19 EM HOSPITAIS DE ALAGOAS

Rhayssa Pereira¹
Sóstenes Ericson

Resumo: Para análise discursiva da relação entre gênero e sobrecarga, levamos em consideração as relações de poder - exploração, dominação, opressão - atribuídas ao binarismo “homem e mulher”, no trabalho em enfermagem. O objetivo deste trabalho foi estudar essa relação no discurso de enfermeiras e as influências no/do enfrentamento à Covid-19. Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa, cujo recorte das materialidades de análise foi extraído de grupos focais e analisado sob uma perspectiva discursiva. No trabalho em enfermagem, destaca-se a influência do imaginário socialmente construído de que esse se trata de uma extensão da vocação feminina de cuidar. A divisão sexual do trabalho não dispõe de um caráter neutro, sendo responsável por mascarar as relações de poder, evidenciando-se na hierarquia de gênero e, por consequência na desvalorização do “trabalho feminino”. Assim, a mulher passa por um processo de opressão explícita ou velada pelas responsabilidades “inatas” da feminilidade, enquanto a trabalhadora que busca ascender no mercado de trabalho vê-se no conflito entre o espaço público e o doméstico, e, ao tentar conciliar ambas as esferas, torna-se sobrecarregada com a dupla e às vezes tripla jornada de trabalho. Este estudo possibilitou verificar o modo como o processo de trabalho em enfermagem é influenciado pelas relações de gênero, que se configuram também como relações de poder e, por consequência, como palco de luta de interesses entre diferentes classes.

Palavras-chave: Trabalho. Enfermagem. Divisão Sexual do Trabalho. Discurso.

GENDER RELATIONSHIP AND WORK OVERLOAD IN THE DISCOURSE OF NURSES: INFLUENCES ON/IN COPING WITH COVID-19 IN HOSPITALS IN ALAGOAS

Abstract: For the discursive analysis of the relationship between gender and overload, we took into account the power relations - exploitation, domination, oppression - attributed to the binary “man and woman” in nursing work. The objective of this research was to study this relationship in nurses' discourse and the influences on/of coping with Covid-19. This is a field research, with a qualitative approach, whose analysis materialities were extracted from focus groups and analyzed from a discursive perspective. In nursing work, the influence of the socially constructed imaginary that this is an extension of the female vocation of caring stands out. The sexual division of labor does not have a neutral character, being responsible for masking power relations and becoming evident in the gender hierarchy and, consequently, in the devaluation of “female work”. Thus, the woman goes through a process of explicit or veiled oppression due to the “innate” responsibilities of femininity, while the professional who seeks to ascend in the job market finds herself in conflict between the public and domestic spaces, and, when trying to reconcile both spheres, becomes burdened with double

¹ Universidade Federal de Alagoas

and sometimes triple working hours. This study made it possible to verify how the nursing work process is influenced by gender relations, which are also configured as power relations and, consequently, as a stage for the struggle of interests between different classes.

Keywords: Work. Nursing. Gender-Based Division of Labor. Address.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo estudar a relação gênero e sobrecarga de trabalho no discurso de enfermeiras e as influências no/do enfrentamento à Covid-19 em hospitais de Alagoas, tendo em conta hospitais de campanha e de referência para os casos graves de atendimento a pessoas com Covid-19. Para a análise discursiva dessa relação, levamos em consideração as relações de poder - exploração, dominação, opressão - atribuídas ao binarismo “homem e mulher” no âmbito do trabalho em enfermagem.

A partir do pressuposto marxista de que o processo de trabalho é responsável por diferenciar o ser humano dos outros animais, é importante destacar também que, diferente dos outros seres vivos, as atividades realizadas pelo homem passam por um processo de prévia ideação que é desenvolvido até a execução dessas atividades (Barradas, 2012). Considerando o contexto de crise estrutural do capitalismo e o antagonismo entre capital e trabalho, faz-se necessário ponderar sobre a produção de sentidos e seus efeitos no discurso, aqui considerado como palavra em movimento, sendo assim uma prática de linguagem (Orlandi, 2015).

Na perspectiva da Análise do Discurso (AD), a linguagem é interpelada pela historicidade, sendo materialidade da ideologia. O discurso é concebido então como o espaço em que essa relação é desenvolvida, além de buscar evidenciar os mecanismos da “determinação histórica dos processos de significação” (Orlandi, 2005, p. 10). Assim, levando em conta, as contradições que constituem os processos de produção de sentido e, por consequência, do sujeito, é importante destacar a forte influência das questões de gênero que contribuem para a construção e manutenção de um imaginário social (Zoppi-Fontana, 2018).

No contexto da estruturação da enfermagem moderna, com a figura de Florence Nightingale e sua obra “Notas sobre enfermagem: o que é, e o que não é” (1860), é possível notar a influência do estereótipo do gênero na construção do imaginário que compõe a identidade da(o) trabalhador(a) em enfermagem. Nesse sentido, o comportamento da enfermeira deve ser baseado em características como religiosidade, vocação, além de ser observadora e delicada (Nightingale, 1860), atributos que são, usualmente associados à mulher, evidenciando a relação entre gênero feminino e enfermagem.

Na conjuntura da pandemia do novo coronavírus (SARS-Cov2), momento em que a equipe de enfermagem teve significativo destaque como linha de frente no combate ao vírus, nota-se a intensificação da influência que as relações de gênero e, por consequência, as relações de poder, possuem no processo de trabalho deste campo profissional.

2. METODOLOGIA

O presente estudo é continuidade de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa realizada com base em grupo focal (GF). A pesquisa atendeu à Resolução CONEP nº 466/2012, aprovada pelo CEP/UFAL pelo Parecer nº 4.525.156. Vinculado à pesquisa “Riscos e exigências do/no trabalho em Enfermagem no enfrentamento da pandemia de Covid-19 em Alagoas”, este estudo teve como sujeitos de pesquisa, trabalhadores/as de enfermagem que atuaram ao longo da pandemia de Covid-19 nos seguintes hospitais de campanha e de referência para os casos graves de atendimento a pessoas com Covid-19: Hospital de Campanha Dr. Celso Tavares e Hospital da Mulher – Maceió; Hospital de Campanha Dr. José Fernandes e Unidade de Emergência Dr. Daniel Houly - Arapiraca e Hospital Regional Dr. Clodolfo Rodrigues de Melo – Santana do Ipanema.

Na primeira etapa da pesquisa a qual este estudo está vinculado, a abordagem quantitativa foi realizada a partir da caracterização dos profissionais, com o uso do formulário digital “Questionário individual sobre condições de vida, saúde e trabalho”, aplicado nas referidas instituições. Após autorização dos participantes, foram colhidas informações com o intuito de caracterizar o perfil econômico-social e as condições de trabalho durante a pandemia de Covid-19. Vale destacar ainda que, antes de responder ao questionário, os trabalhadores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, para aqueles que tinham interesse, também foi possível sinalizar a possibilidade de participar do GF.

Na segunda etapa, esta de abordagem qualitativa, foi realizado um GF organizado por nível de escolaridade, sendo um deles composto por técnicos em enfermagem e outro apenas com os enfermeiros. Foram excluídos dos grupos trabalhadores não localizados; em afastamento que impossibilitasse a participação do questionário e GF e os aqueles que se recusaram a participar da pesquisa. Respeitando os princípios éticos e buscando manter o sigilo de identificação dos participantes, foi estabelecida a designação de acordo com a profissão (E: Enfermeiro/a); TE: Técnico/a em enfermagem) e a ordem de apresentação no

GF (Ex.: E1/TE1). Para composição dos GFs e com a fim de garantir maior heterogeneidade dos dizeres, os participantes foram enumerados para a realização de sorteio, sendo 15 enfermeiros e 15 técnicos compondo os respectivos GFs.

A definição das datas e horários de realização dos GFs foi feita a partir do contato via e-mail e/ou aplicativo de mensagem a fim de obter maior percentual de resposta em uma menor variação de tempo. Naquele momento, surgiram dificuldades quanto à quantidade de respostas, além de obstáculos em relação à disponibilidade das trabalhadoras. Assim, o GF de técnicos em enfermagem contou com 05 participantes (TE1 a TE5) enquanto que o de enfermeiros, 07 (E1 a E7). Os GFs foram realizados de modo remoto através de aplicativos como “Zoom” e “Microsoft Teams”.

Os roteiros dos GFs foram elaborados previamente com perguntas referentes ao trabalho em enfermagem na pandemia de covid-19 e suas consequências na saúde física e mental das trabalhadoras. No GF, após a apresentação dos pesquisadores, as participantes realizaram uma introdução pessoal, comentando sobre formação, atuação profissional e também experiências durante a pandemia. Em seguida, descreveram o seu processo de trabalho na instituição de campanha/referência para pacientes graves de Covid-19, destacando aspectos sobre a contratação, vínculo com a equipe e atribuições. Foram abordadas as dificuldades na atuação como enfermeira/técnica no combate ao Covid-19, relacionando com os fatores externos que influenciaram no trabalho, como, por exemplo, as necessidades da família e relação com outros profissionais. Por fim, foi tratado sobre aspectos acerca da valorização do trabalho em enfermagem, reconhecimento social e satisfação pessoal.

Dessa forma, os GFs duraram em média 2 horas, sendo conduzidos por uma pesquisadora e acompanhados por outros dois membros da equipe de pesquisa que realizaram as anotações e gravações dos momentos com o consentimento das participantes. As gravações foram transcritas conforme os critérios de Marcuschi, na sistematização de Manzini (2008), e o processo de transcrição foi revisado por integrante da equipe ciente das respectivas normas e com experiência na área de Linguística e Análise do Discurso.

3. RELAÇÃO GÊNERO E SOBRECARGA DE TRABALHO NO DISCURSO DE ENFERMEIRAS NO/DO ENFRENTAMENTO À COVID-19

Os Grupos Focais contaram com um total de 12 participantes, a maioria eram mulheres (75%), que atuaram como enfermeiras (58,3%) durante a pandemia de Covid-19,

enquanto 41,7% das participantes atuaram como técnicas em enfermagem. Além disso, 56,3% dessas trabalhadoras possuíam mais de um vínculo durante o período pandêmico, enquanto 41,7% trabalharam em uma única instituição. Dessa forma, é possível notar a prevalência feminina no trabalho em enfermagem, assim como questões referentes à valorização deste campo profissional, em se tratando do número de vínculos de trabalho.

De acordo com Leal e Melo (2018), o processo de trabalho parte de uma deliberação intencional e consciente do trabalhador, que faz com que ele interaja com a natureza, transformando-a e transformando também a si mesmo, buscando a finalidade de produzir um resultado planejado previamente. As autoras destacam ainda que, na singularidade do trabalho em saúde, trabalhadores de diferentes categorias apesar de atuar com certo grau de autonomia, devem colaborar entre si para que seja desenvolvida uma assistência de qualidade, respeitando a hierarquia estabelecida pela divisão técnica e social do trabalho (Leal; Melo, 2018).

No que se refere ao trabalho em enfermagem, destaca-se a influência do imaginário socialmente construído de que esse se trata de uma extensão da vocação feminina de cuidar (Leal, 2016). Historicamente, o trabalho em enfermagem está relacionado às ações de beneficência desenvolvidas pelas irmãs de caridade que eram ligadas aos serviços hospitalares, assim como os cuidados de enfermagem ali desenvolvidos (Padilha et al., 1997). A influência do discurso religioso no trabalho em enfermagem persiste até a contemporaneidade, em que a orientação religiosa/espiritual colabora para uma melhoria na atuação profissional sobretudo em momentos de crise, conforme observado na seguinte sequência discursiva (SD):

SD 1: “*a gente recebeu padres na uti pra conversar com a gente*” – E3.

Partindo da premissa de que os indivíduos assumem diferentes posições-sujeito a depender do movimento constante de diversos processos de identificação ao longo da história, é importante salientar que “uma vez interpelado pela ideologia em sujeito, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual(izada) concreta” (Orlandi, 2002, p.73).

Conforme Zoppi-Fontana (2018), o gênero pode ser compreendido como uma construção discursiva que se articula com outras identificações nos processos de subjetivação do indivíduo. Ao considerar os processos de identificação de gênero e, por consequência,

relacioná-los com os processos de individuação pelo Estado e pelas relações de poder (Zoppi-Fontana; Ferrari, 2021), o gênero está inscrito na manutenção, assim como no processo de luta pela ruptura com as masculinidades e feminilidades sócio e historicamente construídas ao longo dos anos. Esses processos podem ser observados na seguinte SD:

SD 2: “voltei a exercer a profissão de enfermagem com muito orgulho inicialmente como coordenador da uti do hospital” – E5.

Na SD 2, é possível notar a manutenção do imaginário de que o homem (como ser dominante) é responsável por papéis voltados à gerência, exercendo o cargo de chefia. Com a inserção do homem neste campo profissional, o trabalho em enfermagem, historicamente ligado à figura feminina (submissa, devota e altruísta), além de adquirir espaço em cargos de direção de instituições de saúde, o termo “enfermeiro” passou a ser utilizado. Mesmo com a justificativa da necessidade de atender às exigências da língua portuguesa ao denominar uma categoria profissional composta por ambos os gêneros (Souza et al., 2014), é notável o apagamento das desigualdades decorrentes do gênero, além de perpetuar os ideais dominantes e seus meios de dominação.

Esse percurso de esquecimento ideológico funciona através do inconsciente e resulta no modo como as trabalhadoras são afetadas pela ideologia, ao reproduzir em seus discursos normas e sentidos socialmente construídos. A ideologia, por sua vez, é indissociável do sujeito, pois toda prática discursiva inscreve-se no “complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (Pêcheux, 2009, p. 213).

Além disso, por se tratar de uma profissão majoritariamente feminina, o trabalho da enfermeira é diretamente influenciado pela divisão sexual do trabalho que, de acordo com Damascena (2021), não dispõe de um caráter neutro, sendo responsável por mascarar as relações de poder, evidenciando-se na hierarquia de gênero e, por consequência na desvalorização do “trabalho feminino”.

Ao considerar a divisão sexual do trabalho, é importante destacar que, historicamente, a figura masculina esteve ligada à esfera pública, onde os homens desempenhavam o papel de provedor financeiro da família, enquanto a mulher era responsável pelo ambiente doméstico (a esfera privada), fazendo com que o lar permanecesse em ordem. Com a inserção das

mulheres no mercado de trabalho, elas passaram a integrar a esfera pública, todavia, sem romper com o mundo doméstico. Dada a manutenção das atribuições socialmente definidas para homens e mulheres, a mulher, ao lidar com o trabalho doméstico - que é silenciado e apagado das atividades remuneradas - permanece na posição de explorada e oprimida em relação à “supremacia” do homem como provedor (Sousa; Guedes, 2016).

Desde a Antiguidade, a filosofia ocidental contribuiu para a construção de um imaginário de que a figura masculina era detentora da capacidade de fazer uso da razão como meio de dominar suas necessidades. Em contrapartida, a figura feminina era posta como um sujeito a ser dominado por essas necessidades e pela sensibilidade que seria inerente a este gênero. Sendo considerada instável e imprevisível, a mulher é tida como uma ameaça pela visão pública, devendo ser posta em grau de inferioridade ao homem (Lima et al., 2014). Nesse sentido, a cultura de dominação masculina se estende para o ambiente hospitalar, conforme pode ser considerado na seguinte SD:

SD 3: *“um enfermeiro mais experiente tentando ensinar o médico a intubar, facilitar para o médico recém-formado intubar, e ao mesmo tempo ele gritava muito comigo”* – E7.

A SD 3 evidencia o modo como, durante a pandemia, muitos trabalhadores recém-formados e com pouca experiência na assistência médica e de enfermagem foram contratados para suprir a grande demanda de pacientes. Apesar de ter contribuído para o atendimento de um maior número de enfermos, tal condição também abriu espaço para a ocorrência de erros e dúvidas em situações de estresse, razão pela qual na SD 3 nota-se como, apesar de estar diante de uma colega de profissão, o enfermeiro mais experiente reafirma seu *status* de superioridade perante a enfermeira.

Schuh e Silva (2021) apontam ainda para o fato de que, mesmo com o surgimento do capitalismo, houve a continuidade da subvalorização do trabalho produtivo desenvolvido pelas mulheres principalmente como consequência de discursos de caráter opressor, ligados ao ideal de supremacia masculina. Ademais, é importante ressaltar os impactos da desvalorização do “trabalho feminino” no modo como o cuidado é compreendido.

Conforme Hirata (2014, p. 67), o cuidado é subvalorizado devido à “continuidade da desvalorização do trabalho doméstico e de cuidado no âmbito da família, executado gratuitamente pelas mulheres”. A referida autora reforça ainda que, apesar de existir uma

diversidade e heterogeneidade de perfis de trabalhadoras do cuidado, é consenso que se trata de um ofício com salários relativamente baixos e pouco reconhecimento social (Hirata, 2014). Tal condição pode ser observada nas seguintes SDs:

SD 4: *“remuneração porque é baixa, então você se submete a ter outros vínculos pra poder suprir né”* – TE1.

SD 5: *“porque eu trabalhava em dois vínculos, e aí eu fiquei muito sobrecarregada”* – E7.

Na atualidade, o processo de trabalho é refletido e mediado pelo valor de troca, ou seja, pelo salário. O cuidado, como objeto de trabalho, adquire a propriedade de mercadoria, estando assim sujeito à prática de produção e reprodução do capital (Souza; Mendonça, 2017). Nos dizeres das trabalhadoras, é possível notar a relação entre a desvalorização social e financeira do trabalho em enfermagem e a consequente necessidade de mais de um vínculo, causando assim uma sobrecarga física e mental. Levando em consideração que a língua é significada quando está inscrita em um contexto sócio-histórico, é necessário situar os dizeres na conjuntura de crise estrutural da sociedade capitalista em que o Estado não consegue garantir meios que mantenham condições dignas de geração de trabalho e a decorrente extração da mais-valia (Santana, Silva, Santos, 2020).

Por se tratar, em sua maioria, de trabalhadoras, faz-se necessário apontar a sua sobrecarga de trabalho, pois ao mesmo tempo em que desenvolvem atividades de seu ofício fora do ambiente doméstico, também são responsáveis pelas atividades do lar. Tais atividades envolvem não apenas a manutenção da integridade do lar, como também os cuidados com os filhos, que, em uma sociedade capitalista, podem ser vistos como uma futura fonte de exploração de força de trabalho pelo capital, garantindo assim que haja a continuidade da reprodução social capitalista (Schuh; Silva, 2021).

Enquanto uma representação da realidade, através do discurso “se busca investigar os vestígios da exploração e expropriação do trabalho no discurso, pois as sociedades se baseiam no antagonismo entre classes opressoras e classes oprimidas” (Zoppi-Fontana; Ericson, 2022, p. 99). Assim, é possível constatar que a mulher passa constantemente por um processo de opressão seja ela explícita ou velada pelas responsabilidades “inatas” da feminilidade, e, além disso, a trabalhadora que busca ascender no mercado de trabalho vê-se no conflito entre o

espaço público e o doméstico, e, ao tentar conciliar ambas esferas, torna-se sobrecarregada com a dupla e, às vezes, tripla jornada de trabalho.

No contexto capitalista, o trabalho em enfermagem é influenciado pela política neoliberal de privatizações em prol do acúmulo de capital e manutenção do sistema, em detrimento de direitos trabalhistas. Como efeito da flexibilização de normas trabalhistas, os donos dos meios de produção têm liberdade para intensificar a(s) jornada(s) de trabalho, enquanto num movimento contraditório que é constitutivo do modelo capitalista, reduzem salários e a qualidade de vida dos(as) trabalhadores(as), promovendo o desgaste físico e causando adoecimento, como evidenciado pela seguinte SD:

SD 6: “*não podia também ir ao banheiro, não podia beber água, houve sim problemas por conta disso, infecções urinárias recorrentes*” – E2.

A partir do dizer da participante, nota-se a contradição entre o modo como os(as) trabalhadores(as) em saúde, em especial a equipe de enfermagem, eram exaltados(as) e considerados(as) heróis/heroínas durante a pandemia de Covid-19, bem como a forma como estavam sujeitos(as) às péssimas condições de trabalho. Nesse momento, a sobrecarga de trabalho acarretou na negação até mesmo de necessidades básicas e fisiológicas da trabalhadora, causando assim seu adoecimento físico.

Rezio et al. (2021) destacam que a expropriação dos direitos sociais, algo intensificado no neoliberalismo, juntamente com as mudanças provocadas pela globalização financeira, geram impactos negativos no bem-estar do(a) trabalhador(a), excluindo a sua subjetividade, afetando seu modo de trabalho e até mesmo a organização coletiva. A junção das condições de trabalho precárias com a desvalorização do trabalho em enfermagem acarreta na busca de mais vínculos por parte da trabalhadora em enfermagem, numa tentativa de conseguir uma renda financeira que mantenha uma melhor qualidade de vida.

Por fazerem parte da linha de frente no combate ao novo coronavírus, as trabalhadoras da equipe de enfermagem estiveram constantemente expostas não só ao risco de adoecimento pelo referido vírus, como também à exaustão física, devido à longa jornada de trabalho que, apesar de ser recorrente no período antes da pandemia, foi acentuada com a maior demanda de enfermos no ambiente hospitalar. Além disso, o cansaço e a sobrecarga mental/emocional dessas trabalhadoras foi marcante por lidarem diariamente com a perda de pessoas, sejam elas

conhecidas ou não, além da pressão imposta por conviver com situações de risco de morte ou com a morte, diante de um vírus até então pouco conhecido.

A relação entre a sobrecarga física e emocional das trabalhadoras em enfermagem durante a pandemia e a responsabilidade feminina com o cuidado da família podem ser observadas nas SDs abaixo:

SD 7: *“eu tive um quadro depressivo muito forte, eu tive que me afastar da minha filha porque eu tive covid pela segunda vez [...] a minha filha ela não reagiu muito bem então eu me sentia muito culpada”* – E3.

SD 8: *“minha mãe teve tanto medo que eu fiquei vinte e sete dias isolada sozinha no apartamento, ela ficou com muito medo e me deixou o dobro do tempo”* – E7.

Partindo da premissa de que as condições de produção do discurso levam em conta os “lugares sociais, as condições de força, as tensões entre os “já-ditos” e os “a-dizer” e tomadas de posição do sujeito discursivo” (Alves; Graebin, 2016, p. 164), é importante destacar que a análise discursiva considera o dizer como o produto das condições históricas de produção do discurso, sendo assim necessário relacionar a linguagem com a sua exterioridade e seu contexto social, histórico e ideológico.

Na SD 7, a trabalhadora expõe a ocorrência de um quadro depressivo como consequência da necessidade de distanciamento da família (filha), por conta da contaminação por Covid-19, algo decorrente da maior exposição ao vírus devido ao seu trabalho como enfermeira. Neste recorte, é possível observar que, em meio a uma condição produtora de discurso adversa, a pandemia, ser uma trabalhadora, em especial da saúde, trouxe pontos negativos não apenas para sua saúde física, como também mental.

Como Tejada e Vinhas (2023) afirmam, a população feminina foi a parcela da população que mais sofreu com os efeitos da pandemia, principalmente no que se refere à sobrecarga de trabalho. Segundo as referidas autoras, a mulher, inserida no sistema capitalista, passa pela apropriação social do tempo e também de seu trabalho reprodutivo, esse que não está ligado apenas ao sentido biológico (continuidade da vida), mas que também envolve a dimensão social e política da reprodução da força de trabalho. Assim, as atividades que são realizadas em prol da família são associadas à feminilidade, num contexto em que a ideologia

cis e heteronormativa é dominante, e que é naturalizado como inerente à mulher (Tejada, Vinhas, 2023).

Tal fato pode ser observado na SD 8, em que a figura materna segue sendo responsável pelo cuidado com os filhos, mesmo após a maioridade e em uma situação adversa, evidenciando assim a força da identificação de gênero e a interpelação da ideologia no sujeito. Ao internalizar as relações de poder vigentes na sociedade, a mulher reproduz “obrigações” socialmente direcionadas a ela, além contribuir com a conservação da hierarquia estrutural da família, levando assim não apenas ao cansaço físico e mental, como também a restrição de tempo para autocuidado e lazer próprio (Macêdo, 2020).

No campo da enfermagem, existe a reprodução desses padrões de abnegação das próprias necessidades em prol do outro, conforme observado na SD 9:

SD 9: *“é cuidar daquela pessoa no momento que ela tá precisando sem pestanejar, o paciente não pode esperar, você ir conversar com alguém ele precisa do cuidado naquele momento”* – TE1.

Segundo Rodrigues, Barrichello e Morin (2016), o trabalho em enfermagem foi alicerçado em conceitos como a abnegação, sofrimento e obediência, valores esses que tornavam discurso vocacional e religioso um ponto essencial para que muitas mulheres viessem a escolher essa profissão. Por consequência, até os dias de hoje, é evocada a memória da enfermeira como a mulher que renuncia as suas próprias necessidades a favor do bem-estar do paciente, agindo “sem hesitar” para prestar seus serviços ao outro. Assim, observa-se o modo como o discurso se reifica, enquanto “um acontecimento que articula uma atualidade a uma rede de memória” (Pêcheux, 2008, p. 17).

Entretanto, durante a pandemia de Covid-19, foi recorrente o processo de desidentificação com formações discursivas existentes, como pode ser notado na SD a seguir:

SD 10: *“eu tinha vontade, no meu psicológico, eu tinha vontade de esganar essa mulher, chegou uma hora que eu perdi a paciência com ela”* – E3.

Para tratar sobre o conceito de formação discursiva é necessário retornar a definição de uma formação ideológica, a qual, de acordo com Courtine (2009, p. 72), tem um caráter

“‘regional’ ou específico e comportam posições de classe, o que explica que se possa dizer, a partir de formações ideológicas antagônicas”. Assim, observa-se que a ideologia é materializada no discurso e que isso ocorre através das formações discursivas. Partindo do princípio de que a formação discursiva está inscrita e, portanto, é um recorte da formação ideológica, Pêcheux (2009, p. 147) a define como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

No momento em que a trabalhadora em enfermagem, cujo imaginário dominante foi historicamente construído a partir da figura materna, angelical e altruísta, passa a romper com essa ideiação por decorrência de uma exaustão provocada pela sobrecarga, existe um deslocamento de sentidos na identificação de gênero, indo de encontro com o já-dito. Diante disso, destacamos também que a construção da figura da enfermeira, ao longo dos anos, não foi feita por estas profissionais e sim a partir de estudos e publicações desenvolvidos por terceiros (frequentemente por médicos), sendo assim produzido um discurso sobre a enfermeira e não pela enfermeira (Ericson, 2018).

Ademais, é possível correlacionar a presença de fatores de influência emocional como o estresse no emprego com o sentimento de desajuste e da não adaptação ao seu meio de trabalho (Rodrigues, Barrichello, Morin, 2016), o sujeito é consciente desse desajuste, gerando assim um ciclo de fatores estressantes que prejudicam seu desempenho pessoal e laboral.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 não provocou nem inaugurou situações de conflito entre gênero ou classes sociais, muito menos foi responsável pela precarização do trabalho em enfermagem. No entanto, o período pandêmico foi responsável por acentuar e também evidenciar questões e lutas já existentes e constitutivas do modo de produção capitalista. Nesse sentido, a luta entre a classe dominante e a classe oprimida é evidenciada também nas relações de gênero, visto que, ao longo da história, a mulher foi vista como inferior e submissa às vontades do homem e às necessidades do ambiente doméstico.

Por sua vez, o trabalho em enfermagem, por ser composto, majoritariamente, por mulheres, tem influência direta das relações de gênero e, por consequência, das relações de

poder provenientes da divisão sexual do trabalho. O imaginário socialmente construído da enfermeira é composto pela ideia da mulher submissa, altruísta, ligada à categoria profissional pela vontade divina, características que evidenciam a ideia de que a enfermagem é ligada ao cuidado empírico, ao invés de uma construção científica de saberes, ocasionando assim na concepção de que se trata de um trabalho socialmente e financeiramente subvalorizado.

Como consequência, as trabalhadoras em enfermagem submetem-se, muitas vezes, à busca de mais de um vínculo empregatício. Além de ser trabalhadora na esfera pública, na perspectiva do ideário socialmente dominante, a mulher também trabalha na manutenção do lar, além do cuidado com os filhos, marido e demais familiares, existindo assim uma dupla (e, às vezes, tripla) jornada de trabalho, acarretando no seu esgotamento físico e mental.

Este estudo possibilitou verificar o modo como o processo de trabalho em enfermagem é influenciado pelas relações de gênero, que se configuram também como relações de poder e, por consequência, como palco de luta de interesses entre classes sociais antagônicas. Assim, pela mediação do discurso, foi possível analisar as estratégias discursivas que evidenciam as relações de gênero e sobrecarga de trabalho no discurso de enfermeiras e as influências no/do enfrentamento à Covid-19.

O presente trabalho foi realizado com apoio e financiamento da CAPES e FAPEAL.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, S. S.; GRAEBIN, C. M. G. A marginalização do Rio Grande do Sul em discurso de Leonel de Moura Brizola (1961): condições de produção e interdiscurso. **Albuquerque** – revista de história. v. 8, n. 15, p. 157-173, jan.-jun./2016. Disponível em: <file:///D:/Downloads/2176-Texto%20do%20artigo-9558-1-10-20170210.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2024.

BARRADAS, L. F. D. **Marx e a divisão do trabalho no capitalismo**. 2012. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, p. 146. 2012. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/2279/1/Marx%20e%20a%20divis%C3%A3o%20do%20trabalho%20no%20capitalismo.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2024.

COURTINE, J.-J. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Trad. Patrícia C. R. Reuillard [et al.]. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2009.

DAMASCENA, D. M. **Condições de produção de erro no trabalho em enfermagem**. Dissertação (Mestrado). – Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem/Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde, 2021. Salvador, 2021. 134 f.: il. Disponível em:

https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/37960/1/Dissertao_Dhulianefinal29.06_1%20%281%29.pdf. Acesso em: 18 jul. 2024.

ERICSON, S. Divisão Sexual do Trabalho em Discurso: implicações para mulheres enfermeiras no Brasil. In: IX Colóquio Internacional Marx Engels. **Anais eletrônicos**. 2018. Disponível em: <https://anais9coloquiomarxengels.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/divisc3a3o-sexual-do-trabalho-em-discurso-implicac3a7c3b5es-para-mulheres-enfermeiras-no-brasil-sc3b3stenes-ericson-vicente-da-silva.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

HIRATA, H.. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61–73, jan. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/LhNLNH6YJB5HVJ6vnGpLgHz#ModalHowcite>. Acesso em: 22 ago. 2024.

LEAL, J. A. L. **Processo de trabalho da enfermeira em diferentes países**. 2016. 142f. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/22198/1/Tese_Enf_Juliana%20Alves%20Leite%20Leal.pdf. Acesso em: 22 ago. 2024.

LEAL J. A. L., MELO, C. M. M. The nurses' work process in different countries: an integrative review. **Rev Bras Enferm** [Internet]. 2018;71(2):413-23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/H5KSSxTn68HGqwbWsqPXWvG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2024.

LIMA, G. S.; NETO, A. C.; LIMA, M. S.; TANURE, B.; VERSIANI, F. O Teto de Vidro das Executivas Brasileiras. **Revista PRETEXTO**, v. 14, n. 4, p. 65–80, 2014. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/pretexto/article/view/1922>. Acesso em: 22 ago. 2024.
MACEDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN** [online]. 2020, vol.12, n.2, pp.187-204. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-25912020000200012. Acesso em: 12 ago. 2024.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: Livre-docência. Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, FFC - UNESP, Brasil. Título: **A entrevista na pesquisa em Educação e Educação Especial**: uso e processo de análise, Ano de obtenção: 2008.

NIGHTINGALE, F. **Notes on nursing**: What it is, and whats ir is not. New York: D. Appleton and Company, 1860. Disponível em: <https://digital.library.upenn.edu/women/nightingale/nursing/nursing.html#XIV>. Acesso em: 22 ago. 2024.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**. Princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas/SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

PADILHA, M. I. C. de S. et al. Enfermeira – a construção de um modelo a partir do discurso do médico. **Rev. Esc. Enf. USP**. v.31, n.3, p.437-51, dez, 1997.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: Estrutura ou acontecimento. 5. ed. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1995. 317 p. Edição original: 1975.

PÊCHEUX, M.. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 2009.

REZIO, L. A., OLIVEIRA E., QUEIROZ, A. M., SOUSA, A. R., ZERBETTO, S. R., MARCHETI, P. M., NASI, C., NÓBREGA, M. P. S. S. Neoliberalism and precarious work in nursing in the COVID-19 pandemic: repercussions on mental health. **Rev Esc Enferm USP**. 2022;56:e20210257. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/5cWSZKHzsZd7st3FKWRP44z/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2024.

RODRIGUES, A. L.; BARRICHELLO, A.; MORIN, E. M.. Os Sentidos do Trabalho para profissionais de Enfermagem: Um Estudo multimétodos. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 2, p. 192–208, mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/SQrH5XkGDfwQDX36MPbxRkg/#ModalHowcite>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SANTANA, S. L.; SILVA, S. B.; SANTOS, R. S. “Não fale em crise, trabalhe” e a reforma trabalhista : efeitos de sentidos na pandemia da Covid-19. **Revista Heterotópica**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 160–179, 2020. DOI: 10.14393/HTP-v2n2-2020-57217. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/57217>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SCHUH, T. J.; SILVA, M. G. Divisão Sexual do Trabalho: Uma análise da exploração histórica do trabalho feminino e sua manifestação no Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**. v. 5, n. 14, Boa Vista: 2021. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/246/227>. Acesso em 22 ago. 2024.

SOUSA, L. P. D.; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 87, p. 123–139, maio 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/#ModalHowcite>. Acesso em: 21 ago. 2024.

SOUZA, L. L.; ARAÚJO, D. B.; SILVA, D. S.; BÊRREDO, V. C. M. Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. **Ciências & Cognição** 2014; Vol 19(2) 218-232. Disponível em: http://revista.cienciasecognicao.org/index.php/cec/article/view/908/pdf_13. Acesso em: 19 ago. 2024.

SOUZA, D. DE O.; MENDONÇA, H. P. F. DE. Trabalho, ser social e cuidado em saúde: abordagem a partir de Marx e Lukács. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, n. 62, p. 543–552, jul. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/pxzHqFpbkQ3ZYYhD4YBsDR/abstract/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 21 ago. 2024.

TEJEDA, B. V; VINHAS, L. I. Uma, duas, três jornadas esse é meu dia a dia: processos de significação sobre os efeitos da pandemia no trabalho reprodutivo generificado. *In: Discurso, sujeito e memória: mulheres nas tramas da história*. Coleção Escutas do Social. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

ZOPPI-FONTANA, M. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. *Revista Conexão Letras, [S. l.]*, v. 12, n. 18, 2018. DOI: 10.22456/2594-8962.79457. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/79457>. Acesso em: 22 ago. 2024.

ZOPPI-FONTANA, M.; ERICSON, S. Dos aplausos à luta de classes: mistificação e exploração do trabalho em discurso. *In: Teorias da Análise do Discurso: contribuições de Michel Pêcheux e de Teun van Dijk à Pesquisa Social*. Manaus: Eduá, 2022. p. 95–114. Disponível em: <https://www.pucrs.br/humanidades/wp-content/uploads/sites/30/2022/04/978-85-5467-173-0-Teoria-Analise-do-Discurso.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

ZOPPI-FONTANA, M.; FERRARI, A. J. Discurso, Gênero e Resistência: processos de subjetivação contemporâneos. **Revista Leitura, [S. l.]**, n. 69, p. 3–11, 2021. DOI: 10.28998/2317-9945.202169.3-11. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/12515>. Acesso em: 22 ago. 2024.